PAPAGAIO QUE ACOMPANHA JOÃO-DE-BARRO VIRA AJUDANTE DE PEDREIRO: DISCUTINDO O FAZER DO ENSINO PÚBLICO NO BRASIL

CARLOS HENRIQUE BARBOSA ROZEIRA; MARCOS FERNANDES DA SILVA; JOÃO PAULO GONÇALVES FERREIRA; GICÉLIA GOULART DE OLIVEIRA; JONCE DE OLIVEIRA

RESUMO

Um dos objetivos principais da educação, além da construção do conhecimento formal, é promover cidadania, assim está implícito que o ensino deve prover condições para que os estudantes sejam competentes para administrar seu futuro, conseguindo um espaço no mundo do trabalho, considerando suas vocações e competências. A questão problema desta pesquisa está justamente na falta de recursos e tecnologias nas escolas públicas para preparar seus alunos para o labor contemporâneo, tendo a chance de competir com os estudantes formados por instituições de ensino particulares. Contudo, não estamos aqui, por objetivo, para apresentar apenas uma pesquisa comparativa, mas expor a necessidade de mudanças da escola pública frente a essa sociedade que se reinventa constantemente, principalmente pelas evoluções tecnológicas. Assim, o objetivo central dessa pesquisa se constitui em pontuar os principais desafios da escola pública e considerar o que pode ocorrer caso as mudanças não sejam realizadas. Ou seja, esse artigo apresenta a dificuldade da escola pública brasileira na adaptação às mudanças proveniente da Quarta Revolução Industrial. Justifica-se a pesquisa, pois as dificuldades e déficits do ensino público constitui em tema atual e merece ser discutido, vez que muitos pontos importantes estão sendo desconsiderados pelos gestores educacionais. Trata-se de uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo, evocando conceitos e informações da literatura científica sobre as temáticas: escola e o mundo contemporâneo; quarta revolução industrial e diferenças entre o ensino da escola pública e privada no Brasil. Evidencia-se que o ensino público continuará promovendo mais desigualdades sociais, caso não prepare seus estudantes para os novos caminhos que a quarta revolução irá provocar. A escola pública brasileira deve sofrer influências de fora para dentro, se modernizando, escutando seus alunos, para poder se adaptar ao mundo que não está exclusivamente dentro dos muros das escolas, mas além deles.

Palavras-chave: escola pública, educação, uberização, quarta revolução industrial

1 INTRODUÇÃO

Pode ser “clichê”, mas temos que concordar que o mundo de hoje não é mais o mesmo de ontem. Mas por que começar esse texto assim? Para enfatizar que estamos diante de uma “Quarta Revolução Industrial”, ou seja, na “era da tecnologia”. Há uma voracidade de mudanças que nem todos os campos da sociedade estão conseguindo acompanhar. E nesse momento traremos o chão da escola para discutirmos esse novo palco das transformações.

O título deste texto traz o provérbio popular “papagaio que acompanha joão-de-barro vira ajudante de pedreiro”, mas queremos deixar claro que não estamos com a intenção de sustentar algum preconceito. Sabemos que há profissões que não dependem de formação em Ensino Superior, as quais são tão necessárias quanto aquelas que necessitam. Pedreiros,

DOI: 10.51189/cinped/13503

padeiros, fotógrafos, cabeleireiros, cozinheiros, entre muitas outras, são importantíssimas para prover e tornar ciclos humanos cotidianos úteis e dispensam a universidade, provém de saberes orgânicos. Se existe qualquer profissão no mundo é porque há uma utilidade. No entanto, nossa discussão pauta na seguinte premissa: cada pessoa deveria poder escolher sua profissão de acordo com sua vontade e vocação, sem que houvesse privilégios para algumas classes. Na vitrola roda ainda o mesmo disco antigo: o rico pode ser médico, o pobre é o porteiro.

Não é novidade que há diferença na forma de fazer educação entre a escola privada e a escola pública brasileira. Enquanto a escola pública continua firmada num engessado modelo por mais de um século, a escola privada busca constantemente se ajustar aos novos modelos de ensino, ofertando tecnologias para seus alunos, e os adaptando para o exigente e competitivo mercado de trabalho – que está em acelerada modificação há aproximadamente dez anos.

A comparação entre o ensino público e privado no Brasil resulta em dados assustadores. A educação pública é repleta de deficiências e desigualdades em todo o território brasileiro, enquanto o ensino particular, por serem instituições privadas, conseguem manter uma melhor qualidade na gestão, privilegiando alunos e funcionários.

Contudo, não estamos aqui, por objetivo, para apresentar apenas uma pesquisa comparativa, mas expor a necessidade de mudanças da escola pública frente à sociedade que se reinventa constantemente, principalmente pelas evoluções tecnológicas.

Justifica-se a pesquisa, pois no Brasil é muito discutido as dificuldades e déficits do ensino público, mas alguns pontos importantes estão sendo deixados para trás. Muitas escolas públicas apresentam extremas deficiências que atingem diretamente o aprendizado, mesmo com investimentos para mudar tais situações. Mas há um investimento sério que corresponde à realidade de cada escola? Há um planejamento real? Há um esforço da gestão escolar para melhorar os processos ao invés de ficar meramente reproduzindo o que sempre foi feito? A escola se preocupa em preparar o aluno para a vida, principalmente para sobreviver nessa sociedade capitalista com novas formas de trabalho?

O trabalho moderno, proveniente da quarta revolução industrial, segue uma tendência cada vez mais elitizada, que beneficia quem tem domínio das novas tecnologias, e exclui aqueles que sequer tiveram a oportunidade de aprender a utilizar essas novas tecnologias. Nesse sentido, a escola pública carece de valorização dessas novas tecnologias, de valorização da robótica, pois muitos trabalhos desaparecerão, e outros surgirão, privilegiando as classes mais abastadas, os quais estão em longos passos à frente em questão de aprender a utilizar e desenvolver essas tecnologias.

Diante deste contexto, reforçamos que o objetivo central dessa pesquisa se constitui em pontuar os principais desafios da escola pública frente à “era digital”, e considerar o que pode ocorrer caso mudanças não feitas.

2 METODOLOGIA

Considerando Paiva (2019), podemos classificar este trabalho, quanto à natureza da pesquisa, como básica e teórica, pois visa ao aumento do conhecimento científico acerca do assunto.

Esse material surge da discussão do grupo de mestrandos do curso de Mestrado em Ensino da Universidade Federal Fluminense. Trata-se de uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo, evocando conceitos e informações da literatura científica sobre as temáticas: escola e o mundo contemporâneo; quarta revolução industrial e diferenças entre o ensino da escola pública e privada no Brasil.

Assim, foram considerados como fonte da pesquisa, dados seguros e textos com publicações a partir do ano de 2015, com exceção de argumentos ofertados por autores consagrados como Paulo Freire, Karl Marx, Jean-Jacques Rousseau, enfatizando que há sempre

DOI: 10.51189/cinped/13503

uma teoria ou uma verdade que acompanha a sociedade a todo tempo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das aceleradas mudanças do mercado de trabalho, nota-se a necessidade de ajustes dentro das escolas públicas básicas brasileiras, no sentido de se modernizar, e se adaptar para a Quarta Revolução Industrial.

O engenheiro e economista alemão, Klaus Martin Schwab, se refere a Quarta Revolução Industrial, como "uma revolução tão rápida, e tão perigosa na história" (SCHWAB, 2019, p. 26). Ocorre que as revoluções anteriores foram um pouco mais lentas, (Primeira Revolução Industrial: de 1760 até meados de 1850; Segunda Revolução Industrial: entre 1850 e meados de 1945; Terceira Revolução Industrial: meados de 1950 até 2010) e tiveram um pouco mais de tempo para a sociedade se ajustar (MARINHO, 2021).

A Quarta Revolução, iniciada em 2010, causa preocupação, principalmente para profissionais como os professores, que têm por dever da profissão preparar os futuros trabalhadores para essa nova sociedade controlada pela inteligência artificial. Muitos professores encontram um grande desafio nesse processo, a própria escola pública carece de tecnologia, e as tecnologias que existem são poucas, e não ficam disponíveis para todos os alunos.

O problema desta pesquisa está justamente na falta de tecnologias suficientes para preparar os educandos para o mercado de trabalho, com a finalidade de poder competir de forma justa com os discentes formados nas escolas particulares.

Descreve Souza (2017) que há uma competição injusta e desigual entre os alunos de escolas públicas e privadas. Desigual por uma estratégia do sistema, privilegiando os acessos e condições de uma classe, e deixando para a outra classe as sobras, o despreparo, e a falta de condições. À classe dos menos favorecidos desse processo, resta dividir o tempo com estudos e trabalho, mesmo que não seja um trabalho remunerado fora de casa, pois as crianças pobres também acabam tendo que ajudar nas tarefas domésticas.

Ressalta Marinho (2021) que os alunos de escolas públicas possuem poucas chances diante do sistema que nutre neles uma incompetência inata, diante dos competidores da classe média, que geralmente são mais preparados, falam duas ou mais línguas, e estão aptos a ocuparem os melhores lugares no mercado de trabalho. E a escola pública se constitui nessa base cruel de alunos que não terão chances no mercado de trabalho, pois a escola não deve ter tantos investimentos (MARINHO, 2021).

Aferem Gligio e Souza (2015), sobre um estudo elaborado sobre a exclusão digital no Brasil, que quase nove em cada dez brasileiros não têm acesso direto a computador ou Internet. O "Mapa da exclusão digital" expõe o apartheid digital no país, onde um quarto dos habitantes do Distrito Federal têm computador doméstico e 98% dos maranhenses são excluídos. O mesmo estudo aponta vias eficientes para erradicar mais essa brutal diferença do país que é campeão em desigualdade: políticas voltadas à inclusão digital dos empobrecidos. (GLIGIO; SOUZA, 2015, p.33).

Uma reportagem da Revista Época, publicada no G1, em 04 de agosto de 2017, por Gabriela Varella, mostra que 81% das escolas públicas tem laboratórios de informática, mas apenas 59% deles são usados. Diferente das escolas particulares, que têm uma quantidade menor de laboratórios de informática em suas unidades, mas, todos os laboratórios podem ser usados, e a internet sem fio é liberada para todos os alunos, algo que quase não ocorre nas escolas públicas (VARELLA, 2017).

Nessas perspectivas, nota-se a dificuldade dos alunos das escolas públicas a ter que se manter num modelo engessado que a escola impõe. Laboratórios de informática funcionando, *wi-fi* livre para todos os alunos, aulas de informática obrigatória, modelos de ensino e tecnologia

DOI: 10.51189/cinped/13503

para os alunos, são um bom início para preparar os estudantes de escolas públicas para as mudanças do mundo do trabalho, emergentes da quarta revolução industrial (MARINHO, 2021).

Os caminhos que o mercado de trabalho capitalista está seguindo e os possíveis caminhos que a educação deve seguir, constituem na tentativa de preparar os alunos para a Internet das coisas, para os *cobots*, para a realidade aumentada, e a realidade virtual, big data, impressão 3D e 4D, para a robótica, a inteligência artificial, e todas as inovações que essa quarta revolução está nos trazendo na sociedade como um todo.

A escola pública continuará promovendo mais desigualdades sociais, caso ela não prepare seus estudantes para os novos caminhos que a Quarta Revolução irá provocar. Ou seja, a educação é quem deveria formar o estudante para essas mudanças no ramo de atividades trabalhistas, mas, para isso ocorrer, teríamos que ter uma política educacional totalmente alinhada com as transformações da sociedade.

Antunes (2018) aduz que quanto menos preparado for o trabalhador brasileiro, mais enfraquecido essa classe trabalhadora será. A preparação deveria vir da escola pública brasileira, para nivelar a igualdade entre os futuros candidatos, os estudantes, as futuras vagas de empregos que estão emergindo.

De acordo como Marinho (2021), os rumos que o trabalho vem tomando na sociedade brasileira também é justamente esse, transformar a classe trabalhadora em "servos". Cada vez mais vulneráveis a aceitar qualquer trabalho, sem direitos, sem horário de trabalho, e com benefícios escassos, assim nos tornamos servos. Podemos comprovar isso com a reforma trabalhista que foi aprovada em 2017, no governo Temer e a reforma previdenciária (PEC n° 6 de 2019).

Um dos objetivos principais da educação é promover cidadania, assim está implícito que o ensino deve prover condições para que os estudantes sejam competentes para conseguir uma vaga num trabalho decente que aproveite suas vocações e competências.

O filósofo Jean-Jacques Rousseau (1989) alerta que as desigualdade entre os homens, que as desigualdades sociais são provocadas pela origem da propriedade privada. Na era da quarta revolução industrial, essas desigualdades se intensificarão com a falta de emprego e a falta de preparo dos estudantes para conseguir um trabalho (MARINHO, 2021).

Devemos provocar reflexões para deixar a comunidade escolar brasileira pública preparada e em alerta, não para causar pavor, mas para que vozes possam ser erguidas com o intuito de gritar pelos desprivilegiados, de forma que não lhes sobrem os restos.

Essas novas mudanças não estão afetando apenas os estudantes, mas os professores, os quais correm sérios riscos de ficarem fora do mercado de trabalho, graças à falta de adaptações às novas tecnologias e pelo imenso avanço da robotização que vem ocorrendo, provocando a substituição dos professores por robôs. Harari (2019) nos alerta que sempre será mais fácil um robô, decorar, e repassar todo o conteúdo, do que um humano.

Explica Harari (2019) que "não é que os empregos irão desaparecer, surgirão novos empregos, a questão é se as pessoas terão habilidades, e a educação para mudar de empregos." (HARARI, 2019). Isso só comprova que ninguém está isento dessas mudanças que ocorrerão, todos terão que se adaptar com maior rapidez a esse processo.

Comparando as mudanças das especificidades da mão-de-obra e os rumos lentos da educação pública, as consequências serão desastrosas. A falta de adaptação rápida pode provocar danos irreversíveis para uma classe que já é muito vulnerável, e sem muitas opções (MARINHO, 2021).

A elitização do trabalho será ajudada pela falta de adaptações que a escola pública promove. Apenas os mais favorecidos, normalmente vindos de escolas privadas, terão mais direito ao trabalho, que é algo que ficará cada vez mais escasso.

Para os menos favorecidos, como cita o sociólogo, Antunes (2020), em sua obra

DOI: 10.51189/cinped/13503

"Uberização, trabalho digital e indústria 4.0", restará os subempregos, gerando assim uma classe trabalhadora enfraquecida, lutando apenas pelo que comer. Nessa obra, o autor relata que esse sistema de "uberizar" o trabalho não é um sistema novo. Esse novo conceito abrange os revendedores de produtos, entregadores de grandes marcas, diaristas semanais e vários outros tipos de subempregos, que tomarão maiores proporções.

Esse processo de "uberizar" não está presente entre os de classe média/alta, mas sim, entre os pobres, que não verão outras oportunidades, a não ser colocar suas vidas em risco, sem direitos trabalhistas e sem horário fixo de trabalho, tudo isso em troca de algum sustento para suas famílias. Arriscar a vida para manter um emprego não nos parece um discurso tão estranho, infelizmente essa fala está se normalizando entre os sem opções. Por isso, a escola não pode mais se manter tão insensível a isso, Marx (1873) enxergava na educação a possibilidade de romper com essa escravidão que o mercado capitalista moderno nos impõe. É apostar na educação ou seremos eternos escravos da cultura do trabalho moderno. A educação deveria ser a ponte para construirmos sociedades menos desiguais.

4 CONCLUSÃO

Dentro desse novo modelo de sociedade em constante evolução, a escola deve instigar os alunos a buscarem conhecimentos, a serem autônomos dos seus próprios destinos, como sugeria Paulo Freire (1998) em sua obra "Pedagogia do Oprimido". Os alunos devem sair de seus lugares de conformados, de docilizados, para assumirem suas vidas, e fazerem mudanças significativas na sociedade, tirando as exclusividades, e gerando espaços que todos possam ocupar, e ter as mesmas condições. O ensino público padece por não conseguir se adaptar e promover tais mudanças, aquelas que levam seus alunos a sentirem dignos e aptos para se encaixarem no atual mundo capitalista, mergulhado em tecnologias e novos modos de serviços. O estado não investe, não atualiza os modos de ensinos, e os professores também sofrem por não conseguirem se adaptar, e por não terem incentivos do governo.

Muitas vezes o aluno de escola pública tem vocação para ser "papagaio" - alguém que tenha voz, que tenha inteligência, exuberância, que saiba se relacionar e se adaptar -, mas ele é forjado pelo sistema educacional anêmico para ser um "joão-de-barro": forneiro, pedreiro, oleiro, usando sua inteligência para construir seu ninho na direção contrária à da chuva, lutando para salvar seu lar.

Com toda a dificuldade é necessário, ainda com poucos recursos, que a escola pública lute para tornar o aluno um astro do processo educacional. A autonomia e as dúvidas dos futuros cidadãos, pais de família, empresários, políticos, artistas, sujeitos felizes com qualquer tipo de profissão, devem ser vistas como algo que os ajudarão a saírem da opressão para assumirem seus lugares de protagonistas. A escola pública brasileira deve sofrer influências de fora para dentro, se modernizando, escutando seus alunos, para poder se adaptar ao mundo que não está exclusivamente dentro dos muros das escolas, mas além deles.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na Era Digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R. **Uberização, trabalho e indústria 4.0.** São Paulo. 1. ed. 2020. FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GIGLIO, M.; SOUZA, K. **Mídias digitais, redes sociais e educação em rede.** São Paulo, Editora Edgard Blücher, 2015.

DOI: 10.51189/cinped/13503

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhiadas Letras. 2019.
MARINHO, A. Escola pública brasileira e a quarta revolução industrial. **Educação num contexto interdisciplinar**. Arthur Bezerra de Souza Junior, Denise Mercedes Nuñez Nascimento Lopes Salles, Patricia Balistieri e Sérgio de Souza Salles (organizadores). – Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2021.

MARX, K. **O Capital.** 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos dadesigualdade entre os homens.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

SCWAB, K. **A quarta revolução industrial**. Editora EDIPRO, 2019.

SOUZA, J. de. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio deJaneiro: Leya, 2017.
VARELLA, G. Há laboratórios em 81% das escolas públicas brasileiras, mas somente 59% são usados. **Revista Época**, 2017.

DOI: 10.51189/cinped/13503